



**O bom
do BB é**

BB é do povo brasileiro



**Ser um Banco de
todo o Brasil**





BANCO

▶▶ Banco público financia desenvolvimento

Os bancos ocupam uma posição bastante antipática junto à população. Isso se deve em grande parte às altas tarifas e juros exagerados cobrados por todo o sistema.

Quem reclama, com razão, muitas vezes não enxerga que o crédito bancário é o principal motor do crescimento econômico. Quem se incomoda com a abordagem de gerentes para vender seguros e planos de previdência, às vezes não leva em conta que financiamento ajuda as empresas a produzir, os agricultores a plantar e as famílias a comprar sua casa própria.

Mas não é todo banco que financia a longo prazo. Os bancos privados só emprestam se for para ter resultado imediato. Preferem aplicar no mercado financeiro e comprar títulos públicos. Os bancos públicos também fazem isto, mas financiam atividades como agricultura, pequenas e médias empresas, obras de infraestrutura, saneamento e mobilidade urbana, visando retorno de longo prazo e aceitando lucros menores. Seguem orientação de seu controlador, o Estado.

■ **Indutores do desenvolvimento** - Vários países deram um salto no seu desenvolvimento apoiados pelos bancos públicos, com recursos direcionados pelos seus governos para incentivar certas atividades.

A China, por exemplo, país que mais cresce no mundo, tem 90% do sistema financeiro dominado por bancos públicos, direcionando crédito para atividades prioritárias definidas pelo governo. A Coreia do Sul mudou a face do país em pouco tempo financiando suas grandes corporações por bancos públicos.

O Brasil foi o país que mais cresceu no Século XX. Fez isso com os financiamentos do BNDES, do Banco do Brasil, da Caixa, BNB e BASA, todos públicos e controlados pela União. Cada um na sua área – BNDES na infraestrutura, BB na agricultura e indústrias, Caixa no crédito imobiliário.

Mas a atuação desses bancos depende sempre da orientação imprimida pelo governo eleito pela população. Longe de ser um problema, esta é uma solução para vencer a depressão econômica, o aumento da miséria e a falta de empregos que a sociedade brasileira enfrenta hoje.

■ **Ferramenta na busca do bem-estar social** - Durante os governos de Getúlio e Juscelino, na década de 1950, a orientação era financiar a criação de um parque industrial robusto, indústrias de base e modernizar a infraestrutura.

Nos governos Lula e Dilma, a orientação era clara: investir na atividade produtiva para gerar emprego e

DO BRASIL

CAIXA
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

renda, modernizar a infraestrutura deteriorada, acelerar o crescimento, gerar energia, financiar a agricultura, construir moradias para a população.

Atuando desta maneira, os bancos públicos dão retorno à sociedade em forma de progresso e melhoria da qualidade de vida da população e também lucram e pagam dividendos polpudos ao governo, o controlador.

■ **Por trás do desmonte** - Nos governos Collor, FHC, Temer e Bolsonaro, a orientação também sempre foi clara. Fechar agências, demitir funcionários, reduzir a participação dos bancos públicos abrindo espaço para os concorrentes privados, vender subsidiárias, gerar resultados no curto prazo, concentrar os negócios com as grandes empresas, latifúndios e no segmento mais rico da população. O atual governo vem descapitalizando os bancos públicos, suga recursos para o Tesouro Nacional e reduz a capacidade das instituições financeiras de emprestar dinheiro.

A meta do atual governo é desmontar os bancos públicos, assim como faz com a Petrobras, o Estado e os serviços públicos, para, ao final, vender tudo o que sobrar aos grandes investidores, a preço vil e depreciado.

Os funcionários do BB e de todos os bancos públicos resistem e chamam a população a apoiar esta luta para manter os bancos públicos como instrumento poderoso de recuperação da economia.





►► Números que mostram a importância dos bancos públicos

■ BB é quem mais empresta para financiar agricultura e pecuária



BB é responsável por 67% do crédito à agropecuária no Brasil.

Em 2020, R\$ 27 bilhões foram destinados à agricultura familiar, via PRONAF. Os pequenos agricultores produzem 70% dos alimentos consumidos no Brasil. BB e BNB financiam os pequenos. Bancos privados só emprestam para os grandes.

BB empresta recursos da poupança, depósitos à vista e LCA. Bancos privados preferem usar dinheiro para especular no mercado financeiro em vez de emprestar a agricultores.

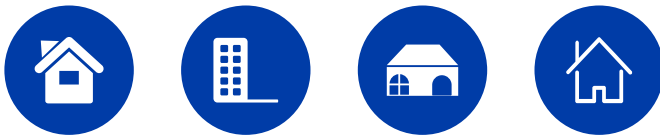
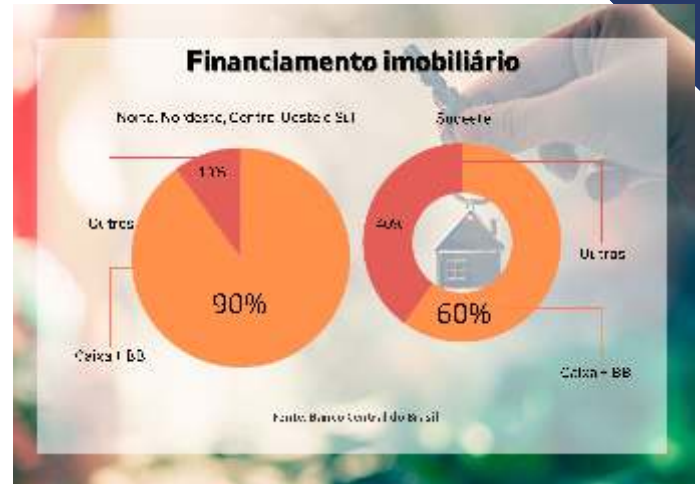
Graças aos empréstimos do BB, o Brasil se tornou o segundo maior produtor e exportador de alimentos do Mundo e deve se tornar o 1º nos próximos anos.

■ Caixa e BB são responsáveis por 77% dos financiamentos imobiliários no Brasil

Caixa (70%) e BB (7%) emprestam R\$ 600 bilhões para as famílias brasileiras realizarem o sonho de comprar sua casa própria.

Caixa e BB fornecem mais de 90% dos financiamentos imobiliários nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil. No Sudeste, mais de 60%.

Bancos privados emprestam para famílias mais ricas. BB e Caixa, para todos.



■ BNDES, BB e Caixa financiam modernização da infraestrutura brasileira



Bancos públicos fazem financiamento de longo prazo para construir usinas geradoras de energia, metrô, corredores de ônibus, ferrovias, modernização de aeroportos, construção e recuperação de estradas, tratamento de esgoto, captação de água.

Bancos privados só emprestam para lucrar no curto prazo.

Mais de 80% dos empréstimos com prazo acima de 5 anos são feitos por bancos públicos.

Em 2001 a capacidade instalada de energia elétrica no Brasil era de 76 GW. Em 2020, de 174 GW. Financiamentos do BNDES, BB e Caixa. Sem isso, seria apagado atrás do outro.

■ BB e bancos públicos estão presentes em todo o Brasil

Dos 5.570 municípios brasileiros, 3.256 tem agências bancárias. Em 990 destes só tem agência do BB e/ou dos bancos públicos.

BB e os bancos públicos têm agências espalhadas por todo o Brasil, para atender a toda a população. Os bancos privados se concentram nas regiões e cidades mais ricas.



■ Bancos públicos reduzem desigualdades. Bancos privados concentram riqueza



Bancos públicos são responsáveis por 80% a 90% das operações de crédito nas regiões Sul, Centro-Oeste,

Nordeste e Norte. Bancos privados concentram 70% de suas operações no Sudeste.

BB e Caixa levam crédito a regiões menos desenvolvidas. Bancos privados captam depósitos em todo o Brasil e aplicam no Sudeste, principalmente em São Paulo.

BB e bancos públicos concentram as contas de poupança da população menos favorecida e aplicam na agricultura e financiamento imobiliário. Bancos privados privilegiam correntistas de mais posses.

BB e Caixa levam renda emergencial, programas sociais e empréstimos às micro e pequenas empresas (PRONAMPE) de todo o Brasil.

■ Bancos públicos incentivam crescimento econômico com emprego e renda

De 2008 a 2015, BNDES emprestou R\$ 225 bilhões por ano em média. A partir de 2016, emprestou só R\$ 75 bilhões por ano.

Em 2013, investimentos eram 21% do PIB. Em 2014 Brasil teve menor desemprego da História.

Em 2019, investimentos caíram para 15,4% do PIB. Desemprego subiu para 14%.

Sem banco público, investimentos secam, economia patina, empregos somem, salários caem.



Você sabia que 40% dos maiores bancos europeus são públicos, controlados pelo Estado?

Sabia que 14% dos maiores bancos europeus são cooperativas, de propriedade dos próprios cooperados?

Onde tem planejamento, desenvolvimento e riqueza, tem banco público.





▶▶ Bancos públicos foram essenciais para Brasil sair da crise mundial de 2008

Em momentos de crise os bancos públicos mostram toda a sua importância para a população e para a economia. Em 2008 a atuação destas instituições foi decisiva para evitar que a economia brasileira mergulhasse numa recessão profunda.

Naquele período, os bancos privados reduziram drasticamente a oferta de crédito, ajudando a economia a afundar. Por orientação do Governo, os bancos públicos atuaram de maneira anticíclica, aumentaram a concessão de crédito para reativar a economia. Como consequência, o Brasil atingiu em 2014 a menor taxa de desemprego da História recente.

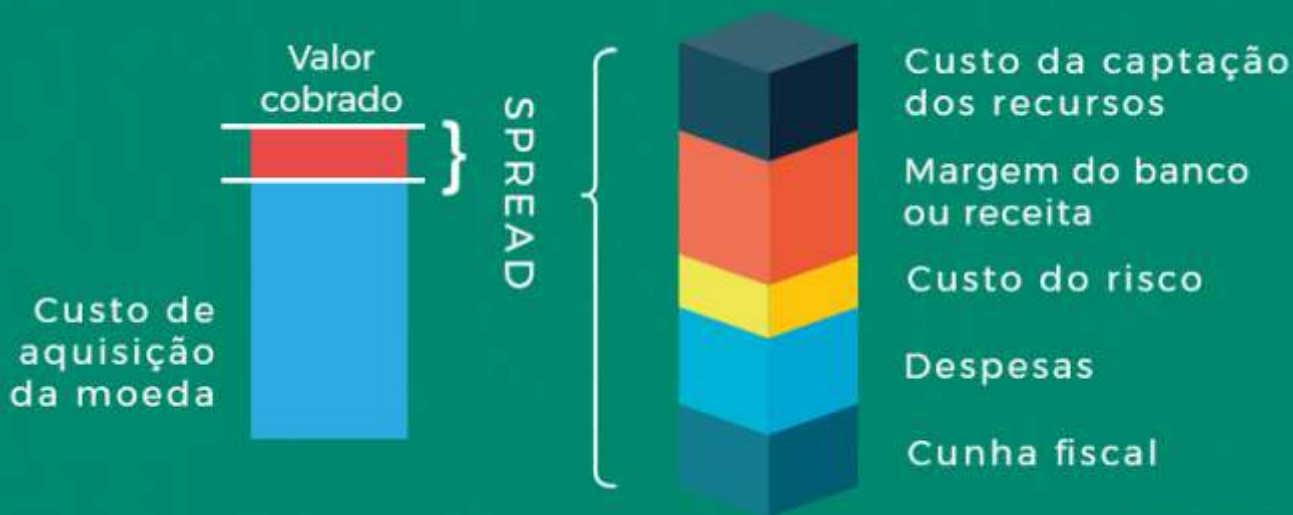
Em 2008, o Brasil estava em um processo de redução da miséria. Relatório do Banco Mundial, aponta que, entre 1990 e 2009, 25 milhões de brasileiros haviam deixado de viver na pobreza devido, entre outros fatores, à estabilização da economia, às políticas de distribuição de renda como o Bolsa Família, aos aumentos reais do salário-mínimo, ao crescimento dos empregos formais que chegaram a 60% do total em 2012. A economia crescia de maneira sustentada, graças ao mercado interno

turbinado pelo aumento da massa salarial e do consumo das famílias e pela expansão das operações de crédito bancário.

Os bancos públicos foram a principal fonte na expansão do crédito. No início de 2009 o saldo de crédito dos bancos públicos crescia à taxa de 31,5% ao ano acima da inflação. Os bancos privados, cresciam a 17,8%. Ao final daquele ano, por aversão aos riscos decorrentes da crise, os bancos privados reduziram brutalmente os desembolsos e a taxa de crescimento anual despencou para 1,2% acima da inflação ao final de 2009. Os bancos públicos, sustentados por decisão do Governo, continuaram aumentando o crédito à taxa de 27% no ano.

O Brasil superou a crise rapidamente, com crescimento econômico, modernizou estradas, aeroportos, portos e ferrovias, aumentou a produção e exportação de alimentos, investiu na geração de energia, na construção civil, na construção de moradias, gerou milhões de empregos. Tudo com a participação decisiva dos bancos públicos, pois a depender dos bancos privados, a recessão teria se aprofundado por longos anos.

O que é Spread bancário?



▶▶ Bancos públicos podem regular mercado e Spread bancário

As taxas de juros bancárias no Brasil são extorsivas. Entre as maiores do mundo. Quem financia um bem de consumo a prazo, paga por ele muito mais do que seu valor de face. Com taxas de juro tão altas, milhões de clientes acabam inadimplentes e os bancos aumentam os juros, jogando nas costas dos bons pagadores o calote provocado pelas taxas de juros abusivas.

Em 2012, o Governo de então decidiu utilizar as instituições financeiras públicas para atacar os elevados spreads bancários, a diferença entre as taxas de captação e de empréstimos. Reduzir as taxas de juros rumo a padrões civilizados poderia ampliar a oferta de crédito para consumo e investimentos. Ao mesmo tempo, o Banco Central reduzia a taxa básica de juros de 12,5% ao final de 2011 para 7,25% no início de 2013.

Na Caixa, por exemplo, a queda da taxa de juros do cartão de crédito, em 2012, foi de 88% na diferença anual, passando de 12,86% a.m. para 2,85% a.m. no crédito rotativo. Já no Banco do Brasil, a taxa para aquisição de bens, como veículos, que variava entre 1,24% a.m. e 3,79% a.m. passou para 0,95% a 2,65% a.m.

Com isso, as operações de crédito dos bancos públicos cresceram o dobro que as dos bancos privados. A redução dos spreads alavancou a economia e, ao mesmo tempo, o lucro. O BB lucrou R\$ 12 bilhões em 2012, um crescimento de 11% em relação a 2011. O lucro da Caixa foi de R\$ 6,1 bilhões, 17% superior a 2011.

Emprestar mais a juros menores faz bem à população, à atividade econômica, e aos próprios bancos.



▶▶ Atuação dos governos Temer e Bolsonaro no desmonte dos bancos públicos

Desde 2016 os governos Temer e Bolsonaro mudam a orientação política, reduzem a oferta de crédito, desmontam e descapitalizam os bancos públicos, contribuindo para o aumento do desemprego e para a recessão.

Somente o BNDES devolveu ao Tesouro Nacional quase R\$ 400 bilhões de 2016 a 2020, comprometendo a sua capacidade de conceder crédito a obras de infraestrutura, às micro e pequenas empresas.

De 2016 a 2020, a participação do Banco do Brasil nas operações de crédito do Sistema Financeiro caiu de 20,6% para 16,6%. A parcela do BB no crédito agrícola caiu de 61% para 55% no período. A Caixa reduziu sua participação no crédito de 22,4% para 19,6%. A Caixa cortou 13.168 empregos e o BB outros 17.758, comprometendo o atendimento à população.

Em 2019, antes da pandemia, o crédito dos bancos públicos caiu 6,2% acima da inflação, enquanto os bancos privados aumentaram 11,4%. A participação dos bancos públicos nas operações de crédito caiu a 45,7% do total, perdendo espaço para os bancos privados.

Em cinco anos, a política de desmonte dos bancos públicos e a falta de crédito de longo prazo para alavancar a atividade produtiva leva a um processo de estagnação econômica combinada com concentração de riqueza financeira.

Sem os bancos públicos, as taxas de juros das operações de crédito continuam em alta, as empresas endividadas têm capacidade produtiva ociosa, o desemprego e a informalidade no trabalho explodem, a população sem dinheiro não compra. A taxa de investimento, que chegou a 21% do PIB em 2014, cai para 15,4% em 2019, aprofundando a recessão. Fábricas vão embora, centenas de milhares de empresas fecham as portas.

Mesmo desvalorizados e atacados pelo Governo, a Caixa e o BB tiveram agilidade e competência para pagar o auxílio emergencial a 68 milhões de brasileiros e a levar dinheiro do PRONAMPE às micro e pequenas empresas.

Em vez de incentivar os bancos públicos a auxiliar a economia brasileira a sair da recessão, o Governo manda cortar, fechar agências, demitir funcionários.



▶▶ Reestruturação do BB dificulta atendimento à população

O programa de reestruturação do Banco do Brasil, anunciado em janeiro, faz parte desse cenário, de destruição dos Bancos Públicos Federais. O plano prevê:

- Desativação de 361 unidades, sendo 112 agências, 7 escritórios e 242 Postos de Atendimento (PA)
- Conversão de 243 agências em PA e outros 8 PA em agências
- Transformação de 145 unidades de negócios em Lojas BB, sem a oferta de guichês de caixa
- Demissão de 5 mil funcionários

Desde janeiro de 2016, o Banco do Brasil dispensou mais de 17 mil trabalhadores. De 2013 a 2019 a Caixa cortou 14,2% dos funcionários e o BB, 17,9%. Desde 2016, o Banco do Brasil fechou 1.072 agências bancárias, deixando inclusive alguns municípios e comunidades sem serviço bancário. Apesar disso,

apresentou aumento de 6,1 milhões de clientes, desde aquele ano até 2020.

Nas regiões mais ricas, BB e Caixa perdem espaço para os bancos privados. Nas mais pobres, sua saída significa deixar a população sem crédito e sem serviços bancários.



▶▶ Bancos públicos: motor do crescimento

Os economistas neoliberais defendem o fim dos bancos públicos alegando que o mercado tem capacidade para resolver a sua ausência. Não é o que a História mostra.

A questão que os neoliberais não respondem é se o crédito dos bancos privados vai tirar o Brasil do atraso para retomar a rota do crescimento econômico com geração de emprego e busca do bem-estar social.

A experiência mundial e do Brasil mostra que as políticas de Estado e a atuação de bancos públicos são fundamentais para regular o mercado e implan-

tar políticas anticíclicas de investimento e alavancagem de determinadas áreas com grande capacidade de gerar emprego, como a construção civil e as obras de infraestrutura. Sem as ferramentas dos bancos públicos, o Estado brasileiro aumenta sua vulnerabilidade diante das crises e condena a população à própria sorte.

Concluimos lembrando que, em todo o mundo, os únicos países que cresceram significativamente em 2009 foram aqueles que se serviram de seus bancos públicos, como Brasil, China e Índia.



▶▶ A defesa dos bancos públicos

Os bancos públicos são fundamentais para o Brasil. Os bancos privados concentram sua atuação no Sudeste do país. São os bancos públicos que garantem o atendimento bancário em todo território nacional, principalmente nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul. Sem a presença das agências dos bancos públicos, o dinheiro deixaria de circular em muitas cidades e acabaria com o comércio e toda a economia local. São os bancos públicos que financiam o desenvolvimento social e econômico do país. Fomentam a agricultura familiar, que coloca a comida na mesa dos brasileiros, mas também a agroindústria, que tem papel fundamental nos resultados das exportações, que trazem dinheiro do exterior.

E o que dizer do crédito imobiliário? Sem os bancos públicos não haveria programas habitacionais e a casa própria seria um sonho apenas dos endinheirados.

Durante o período mais crítico da primeira onda da pandemia de Covid-19 era comum vermos a TV noticiar a falta de crédito para as micros, pequenas e médias empresas, as que mais geram emprego no país. Mesmo com a liberação de R\$ 1,3 trilhão para que os bancos privados oferecessem crédito para as empresas, apenas os bancos públicos estavam ofertando crédito. Sem eles, o número de falências seria ainda maior. E o desemprego, que já atinge mais de 14 milhões de pessoas, chegaria a números inimagináveis. As grandes obras de infraestrutura também são financiadas pelos bancos públicos.

Mas, mesmo com tamanha importância para o país, o governo Bolsonaro, com grande empenho do ministro da Economia, Paulo Guedes, está tentando acabar com os bancos públicos. O Banco do Brasil, por exemplo, vem sendo dilapidado e somente não foi privatizado por completo por proibição judicial.

O desmonte, no entanto, continua, com a venda de subsidiárias altamente rentáveis, a redução do quadro de pessoal e o fechamento de agências. Assim, o governo prejudica a lucratividade do banco, o atendimento à população e o cumprimento do papel social, que é a inclusão bancária.

É sobre isso que tratamos nesta revista. Leia e veja porque somos contra o desmonte e a privatização do BB.

Juvandia Moreira

Presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT)

Publicação de responsabilidade da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) com a colaboração das Federações e Sindicatos

Rua Líbero Badaró, 158, 1º Andar – Centro, São Paulo CEP: 01008-000 - Fone: (11) 3107-2767

Presidenta: Juvandia Moreira Leite

Secretário de Comunicação: Gerson Carlos Pereira

Texto e Revisão: Lilian Milena e José Ricardo Sasseron

Arte e Diagramação: Oliveira Marketing - Fevereiro de 2021.

